



ENTRE CULTURA E SUBJETIVIDADE: AS INFLUÊNCIAS SOCIAIS NO PRAZER FEMININO

ENTRE CULTURA Y SUBJETIVIDAD:
LAS INFLUENCIAS SOCIALES EN EL PLACER FEMENINO

BETWEEN CULTURE AND SUBJECTIVITY:
SOCIAL INFLUENCES ON FEMALE PLEASURE

Ana Clara Silva Gonçalves¹
Helena Soares Fonseca²
Kellyane Madureira Figueiredo³

RESUMO: O objetivo foi analisar as influências sociais sobre o prazer feminino a partir das abordagens histórico-cultural e psicanalítica. Trata-se de um estudo feito por revisão integrativa da literatura, com busca nas bases de dados Scielo, Periódicos CAPES, PePSIC e BVS- Brasil. Foram selecionados 18 artigos, considerando produções publicadas nos últimos 20 anos. A análise de conteúdo de Bardin teve como resultado quatro categorias temáticas: 1) os efeitos da influência social e cultural sobre o prazer feminino; 2) uma análise crítica da influência social sobre a vivência do prazer em diferentes ciclos de vida; 3) a relação das mídias sociais e a manifestação do desejo feminino; 4) o corpo feminino como um lugar de disputa entre desejo e dever. Os resultados revelam que a repressão do prazer feminino está profundamente entrelaçada às construções sociais, históricas e culturais, que estabelecem normas sobre como as mulheres devem ser subjetivadas e a maneira de vivenciar o prazer. Conclui-se que, para compreender e desconstruir essa repressão, é essencial considerar o contexto histórico e os discursos que moldam o sujeito, abrindo caminho para novas formas de existência.

PALAVRAS-CHAVE: prazer feminino; repressão sexual; psicanálise; histórico-cultural.

RESUMEN: El objetivo fue analizar las influencias sociales sobre el placer femenino a partir de los enfoques histórico-cultural y psicoanalítico. Se trata de un estudio realizado mediante una revisión integradora de la literatura, con búsquedas en las bases de datos Scielo, Periódicos CAPES, PePSIC y BVS-Brasil. Se seleccionaron 18 artículos, considerando producciones publicadas en los últimos 20 años. A partir del análisis de contenido de Bardin, surgieron cuatro categorías temáticas: (1) los efectos de la influencia social y cultural sobre el placer femenino; (2) un análisis crítico de la influencia social en la vivencia del placer a lo largo de los distintos ciclos de vida; (3) la relación entre las redes sociales y la manifestación del deseo femenino; y (4) el cuerpo femenino como un lugar de disputa entre el deseo y el deber. Los resultados revelan que la represión del placer femenino está profundamente entrelazada con construcciones sociales, históricas y culturales que establecen normas sobre cómo deben subjetivarse las mujeres y cómo deben experimentar el placer. Se concluye que, para comprender y desconstruir dicha represión, es esencial considerar el contexto histórico y los discursos que configuran al sujeto, abriendo camino a nuevas formas de existencia.

PALABRAS CLAVE: placer femenino; represión sexual; psicoanálisis; histórico-cultural.

ABSTRACT: The objective was to analyze the social influences on female pleasure through the lens of historical-cultural and psychoanalytic approaches. This study was conducted as an integrative literature review, drawing from the Scielo, CAPES Journals, PePSIC, and BVS-Brazil databases. Eighteen articles published over the last 20 years were selected. Using Bardin's content analysis, four thematic categories emerged: (1) the effects of social and cultural influence on female pleasure; (2) a critical analysis of how social influences shape the experience of pleasure across different stages of life; (3) the relationship between social media and the expression of female desire; and (4) the female body as a site of tension between desire and duty. The findings reveal that the repression of female pleasure is deeply intertwined with social, historical, and cultural constructions that dictate how women are expected to be shaped as subjects and how they should experience pleasure. The study concludes that

¹ Graduanda em Psicologia da PUC Minas. anaclarapsicologia2002@gmail.com

² Graduanda em Psicologia da PUC Minas. helenassff4@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora Adjunta do curso de Psicologia da PUC Minas. kellyane@pucminas.br

understanding and dismantling this repression requires situating it within its historical context and the discourses that shape subjectivity, opening pathways to new forms of existence.

KEYWORDS: female pleasure; sexual repression; psychoanalysis; historical-cultural.

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo em que o desejo pelo prazer e a repressão frequentemente se esbarram, este estudo buscou explorar como as pressões da sociedade e da cultura moldam a vivência do ser feminino. Freud ([1905]/1973) argumentou que a culpa sexual tem raízes profundas no aparelho psíquico e nas regras inconscientes do comportamento sexual. Lane ([1981]/1994) afirmou que o indivíduo é influenciado socialmente desde o nascimento. O estudo explorou, com base na abordagem sócio-histórica e em um recorte psicanalítico, como essas influências sociais interagem com normas culturais contemporâneas, considerando a tensão entre desejo pessoal e expectativas sociais.

Segundo Bock, Gonçalves e Furtado (2007), a sexualidade vai além da função reprodutiva, envolvendo busca de prazer individual. A mulher, nesse contexto, não apenas gera novos seres, mas vivencia prazeres. Freud ([1932]/1933/1996) afirmou que a Psicanálise não descreve o que é a mulher, mas investiga como ela se forma. Assim, a psicologia favorece uma visão humanizada do feminino e orienta sobre o desenvolvimento da sexualidade e do prazer.

Berger e Giffin (2005) apontam que a definição da mulher na sociedade é atravessada por ideias patriarcais e pela vivência sexual feminina. A imposição do papel ativo masculino sobre a mulher reforça a ideia de uma sexualidade feminina passiva e restrita à reprodução, criando uma imagem limitada da mulher. Surge, então, a necessidade de desconstruir essas concepções e ressignificar o gozo feminino. Irigaray ([1977]/2017) afirma que a opressão do desejo feminino integra um sistema simbólico centrado no masculino. A mulher é historicamente colocada como ‘outro’, tendo seu corpo e prazer objetificados e subordinados, o que gera culpa, vergonha e prejuízos à autoestima e ao bem-estar psicológico.

Diante disso, o estudo demonstrou relevância científica e social ao abordar como as influências sociais moldam o prazer feminino na atualidade. Mesmo sendo conceitos antigos, ‘prazer’ e ‘repressão’ ganham novos sentidos na contemporaneidade. A pesquisa buscou responder: quais fatores sociais influenciam a manifestação do prazer feminino hoje? O objetivo foi analisar, por meio da abordagem histórico-cultural e recorte psicanalítico, as influências sociais que limitam essa manifestação. Os objetivos específicos incluíram: analisar os efeitos sociais e culturais sobre o prazer feminino; investigar a influência social em diferentes ciclos

de vida; examinar a relação das mídias sociais com o desejo feminino; e compreender o corpo feminino como lugar de disputa entre desejo e dever.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa, permitindo um tratamento metodológico rigoroso da temática abordada, formada por seis fases: 1) a pergunta de pesquisa guiou todo o processo de revisão; 2) coleta em bases de dados científicas utilizando palavras-chaves; 3) especificação dos critérios de inclusão e exclusão; 4) artigos selecionados quanto à qualidade metodológica e relevância teórica; 5) comparação e interpretação dos estudos; 6) apresentação da revisão integrativa, com uma estrutura organizada e clara (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

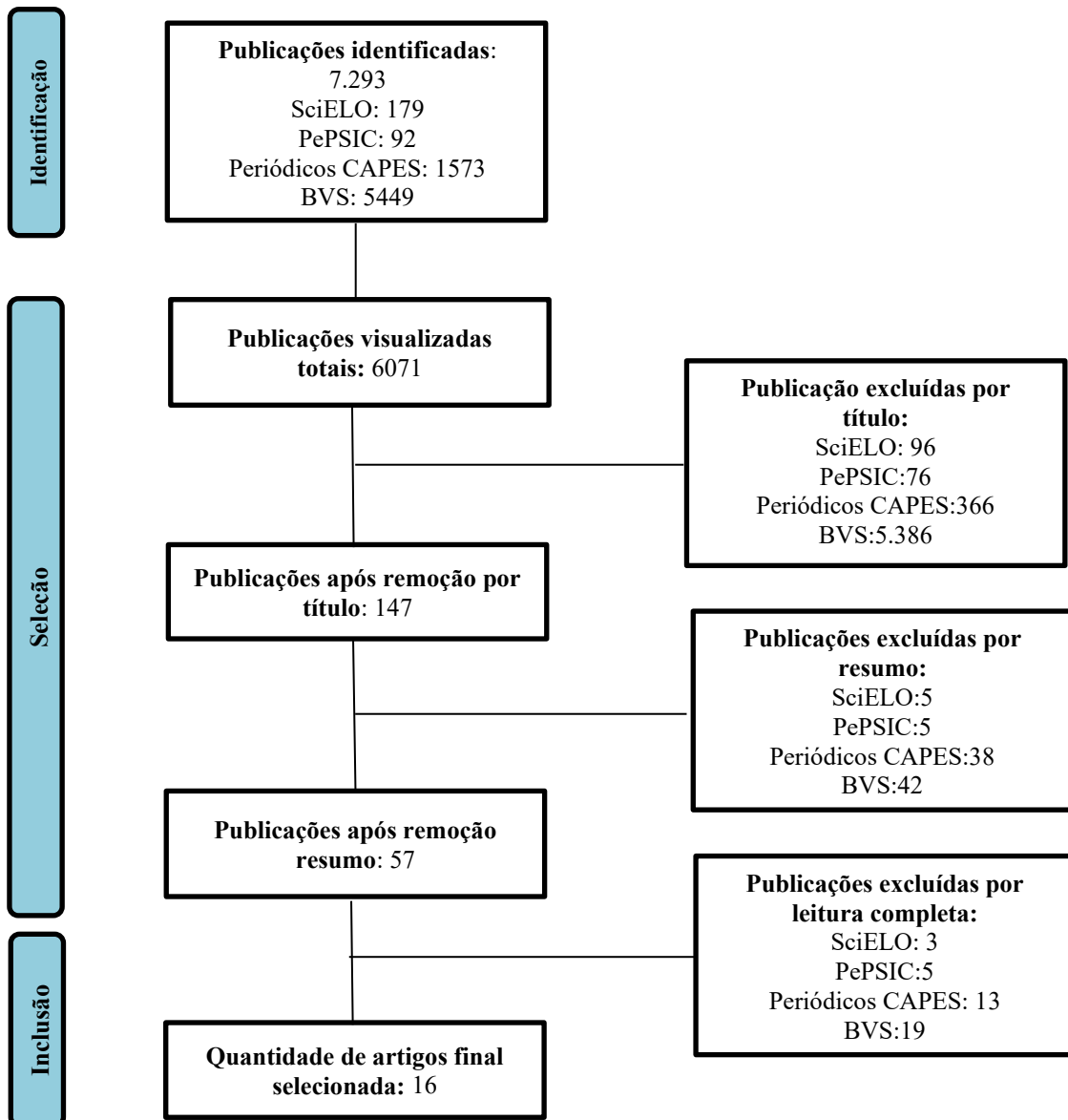
A pergunta que norteou a revisão foi “quais fatores sociais influenciam na manifestação do prazer feminino na atualidade?”. A coleta de dados se deu por meio de livros e artigos da psicologia social e teoria psicanalítica, disponível nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Periódicos CAPES), Periódicos eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS-Brasil). Foram pesquisadas palavras-chave: sexualidade AND mulher, prazer AND feminino, “opressão social” AND mulher, “repressão social” AND feminino, “limitação social” AND mulher, “sócio-histórica” AND feminino, “prazer feminino” AND psicanálise.

Os critérios de inclusão adotados foram publicações de artigos dos últimos 20 anos publicados em português, permitindo a análise de estudos atualizados sobre o tema e, também foi incluído livros de Freud que pudessem contribuir com a discussão. Os critérios de exclusão foram trabalhos acadêmicos de graduação, publicações que não passaram por revisão ou que não apresentem respaldo científico suficiente; materiais duplicados nas bases; que não tangiam a temática escolhida também foram desconsiderados. Conteúdos com foco exclusivo na visão lacaniana foram descartados, tendo em vista que a pesquisa foi realizada prioritariamente sob a perspectiva freudiana ao que se refere à abordagem psicanalítica.

A Figura 1 apresenta o processo de análise realizado considerando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Primeiramente, uma leitura e análise por título, posteriormente por resumo e ao final por meio da leitura completa. Dentre as bases de dados utilizadas, observou-se um total de 7.293 artigos, nos quais 6.071 foram efetivamente analisados. Na primeira fase, de exclusão por título, restaram apenas 147 artigos. Após análise

do resumo 90 artigos foram excluídos. Para a leitura completa ficaram 57 artigos, desses 16 artigos preencheram os critérios de elegibilidade e foram selecionados para análise de conteúdo.

Figura 1 – Fluxograma dos resultados da revisão integrativa



Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2025)

Para a análise dos dados, adotou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011), que permitiu categorizar as informações, facilitando a identificação de temas e padrões relacionados ao prazer feminino e à repressão social. Foram seguidas as três fases fundamentais desse método: a pré-análise, na qual o material foi separado, definindo-se o corpus da pesquisa e os objetivos

por meio de uma “leitura flutuante”; a exploração do material, que consistiu no recorte e categorização dos dados em temas principais, como repressão social ao prazer feminino, normas culturais e vivências de prazer feminino; e o tratamento dos resultados e interpretação, em que foram realizadas as inferências e contextualizações necessárias à compreensão do fenômeno, possibilitando a construção da discussão dos resultados pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os efeitos da influência social e cultural sobre o prazer feminino

Fishbein e Ajzen (1975; 1980 apud Araújo, 2005) criaram a Teoria da Ação Racional, que concebe o comportamento como resultado das crenças formadas a partir de como o sujeito percebe a realidade. Esse modelo teórico observa dois tipos de crenças: a individual, que seria como a realidade é percebida por ele, tanto interna quanto externa, e a crença normativa, que se refere às crenças sociais, provenientes de instituições como a igreja, a escola, a família, a mídia, entre outras. O comportamento é moldado por esses dois âmbitos que se organizam de maneira diferente para cada sujeito, de acordo com o que é determinado como mais importante.

Considerando a lógica sobre as crenças, a sexualidade feminina é determinada não só pelo individual, mas também pelo contato da mulher com as normas sociais (Araújo, 2005). A sociedade tende a negligenciar e reprimir a história e a cultura das particularidades femininas, especialmente no que diz respeito à sexualidade, gerando a criação de mitos e estigmas em torno dessa temática. Historicamente, o prazer feminino foi silenciado, a omissão, o não esclarecimento, sendo muitas vezes estudado seguindo um parâmetro masculino (Brenot; Coryn, 2017 apud Araújo, 2005). Sobre o silêncio da mulher, Perrot afirmou que

[...] se deu por ausência de registros, desde a própria língua que, na mistura de gêneros, no plural, coloca o e não a. Logo, as estatísticas também mascaram a participação feminina, deslocando as suas atribuições, dando voz masculina à mulher, desde o casamento, no qual se suprime a assinatura da mulher até as mais simples aparições dessas com seus companheiros em público, ou seja, mantém-se a ideia de que à mulher cabe o anonimato, fazendo aparecer apenas a imagem do marido. Assim, segundo a autora, há uma autodestruição da memória feminina, pois muitas dessas no acaso de suas existências acabavam por destruir ou queimar seus documentos, seus papéis pessoais, sendo apenas meras sombras de uma mulher que não foi, apenas viveu (Perrot, 2007, p.21-22 apud França, 2020, p. 183).

Ao tentar explicar a feminilidade, Freud ([1908; 1907]/1996), recorreu a construções de natureza "mitológica" para responder à pergunta: "o que quer uma mulher?", dada a ausência

de base empírica ou teórica sólida. A representação freudiana da mulher se baseia em narrativas míticas que atuam como recursos simbólicos para lidar com o indizível e o indecidível na origem da subjetividade feminina e na clínica. Para ele, os mitos são “vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem” (Freud [1908; 1907]/1996, p. 142).

O antropólogo Lévi-Strauss (1978 apud Teodoro; Chaves; Silva, 2020) entende os mitos não como narrativas isoladas, mas como estruturas com variações. Ele buscava identificar os padrões subjacentes que organizam essas histórias, revelando uma lógica interna que traduz as relações sociais. Assim, os mitos funcionam como espelhos estruturais das sociedades, integrando elementos para explicar as origens do mundo e das normas sociais, oferecendo uma chave para entender a configuração dos sujeitos e sua convivência coletiva.

Ao descrever a sexualidade feminina, Freud recorre a uma lógica dicotômica onde o feminino é oposto ao masculino. O homem é associado à racionalidade, intelectualidade objetiva e traços não influenciados por paixões. A mulher, por sua vez, é caracterizada por traços suaves, intelectualidade difusa e suscetibilidade a emoções e afetos. Embora Freud reconheça que tais distinções vêm mais de convenções culturais do que de ciência, essa estrutura de oposição se mantém influente em sua construção da feminilidade (Teodoro; Chaves; Silva, 2020).

A construção da sexualidade feminina foi historicamente influenciada por valores que reforçavam uma passividade diante do poder masculino. Dessa forma, a satisfação sexual da mulher era comumente negligenciada, enquanto o prazer do parceiro masculino era tomado como principal referência para avaliar a qualidade da relação sexual. A falta de informação sobre o sexo fazia com que as mulheres não tivessem acesso a própria sexualidade, desconhecassem a experiência do orgasmo e, ao sentirem sensações novas, pudessem interpretá-las como algo inadequado ou até mesmo errado (Araújo, 2005).

Segundo Araújo, durante o período colonial brasileiro, havia um esforço deliberado por parte do Estado, da Igreja e da família, especialmente dos pais, em suprimir qualquer expressão da sexualidade feminina. Isso ocorria pelo temor de que, “ao arrebentar as amarras [...] a sexualidade feminina [...] ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas” (Araújo, p.46 apud Silva et al., 2005, p. 72).

Historicamente, até o século XVII, o modelo sexual predominante era o masculino, vendo a mulher como uma versão invertida e incompleta do homem. No século XIX, essa visão mudou: a mulher passou de "homem imperfeito" a ser seu oposto complementar. Contudo, essa

diferença sexual era reafirmada numa lógica binária e hierárquica, mantendo a alteridade feminina subordinada aos moldes masculinos (Silva et al., 2005).

Esse modelo foi especialmente fortalecido no contexto da família burguesa, sustentada por meio de normas morais rígidas. Freud ([1908]/1996 apud Teodoro; Chaves, 2021) chamou esse conjunto de regras de "moral sexual civilizada". Essa moralidade visava regulamentar os comportamentos, limitando o exercício da sexualidade ao casamento e à reprodução. Qualquer manifestação sexual fora desse padrão era vista como patológica ou indesejável, contribuindo para manter a ordem social vigente.

Embora a moral sexual vigente no período analisado fosse direcionada tanto a homens quanto a mulheres, Freud ([1908]/1996 apud Teodoro; Chaves, 2021) observa que, na prática, sua aplicação era desigual. As exigências morais mostravam-se mais permissivas em relação à vivência sexual masculina, ao passo que impunham severas restrições à expressão da sexualidade feminina.

Com a chegada do século XX, a sociedade passou por diversas transformações, incluindo mudanças no comportamento sexual feminino. A descoberta da pílula anticoncepcional e o avanço da industrialização contribuíram para a quebra de vínculos tradicionais que perduraram por décadas. No final dos anos 1950, as mulheres passaram a se sentir mais livres para exhibir seus corpos, algo considerado um ato de coragem (Almeida, 2002 apud Gonçalves, 2005).

Outra mudança significativa ocorreu na relação das mulheres com a sexualidade. O que antes era restrito ao ambiente matrimonial passou a ser um tema de interesse científico e amplamente debatido pela mídia. O orgasmo feminino deixou de ser um tabu e passou a ser valorizado como um direito legítimo, impulsionando o mercado de produtos eróticos que auxiliavam as mulheres a explorarem sua própria sexualidade. Além disso, a pornografia se tornou mais acessível por meio do cinema, da televisão, de revistas, livros e, posteriormente, da internet (Gonçalves, 2005).

Conforme Kontula e Miettinen (2016 apud Pereira; Souza, 2019), a sexualidade feminina foi fortemente impactada na sociedade contemporânea pelos efeitos da 'industrialização do prazer'. Esta ideia vincula o prazer e o orgasmo à sexualidade saudável e ao relacionamento satisfatório. Contudo, o ápice do prazer ocorre em 90% das relações sexuais masculinas, mas apenas em cerca de 50% das femininas, mostrando que a frequência do orgasmo é quase o dobro para o público masculino.

Entretanto, de acordo com Costa (2013 apud Pereira; Souza, 2019), a mulher possui mais pontos físicos de prazer do que o homem. Sendo assim, seria, em tese, mais fácil para ela

alcançar o orgasmo. No entanto, devido a atravessamentos culturais, sociais, históricos, a mulher ainda é impactada negativamente no que diz respeito a vivência do prazer feminino. O autor também ressalta que fatores, biológicos, socioculturais e comportamentais são importantes para que o público feminino possa conseguir experimentar o orgasmo.

A pesquisa conduzida por Kinsey et al. (1954 apud Araújo, 2005) revelou que uma parcela significativa das mulheres casadas desconhece o orgasmo, trazendo à tona questões até então pouco debatidas. Além disso, se constatou que, ao contrário dos homens, que apresentam um período refratário após o orgasmo, as mulheres têm potencial para múltiplos orgasmos em uma mesma relação. O estudo também contribuiu para derrubar crenças equivocadas, como a ideia de que a masturbação feminina seria prejudicial.

Embora a moral sexual vigente no período analisado fosse direcionada tanto a homens quanto a mulheres, Freud ([1908]/1996 apud Teodoro; Chaves, 2021) observa que, na prática, sua aplicação era desigual. As exigências morais mostravam-se mais permissivas em relação à vivência sexual masculina, ao passo que impunham severas restrições à expressão da sexualidade feminina.

Apesar dessas divergências teóricas, atualmente há um consenso de que a capacidade de vivenciar o prazer sexual está diretamente relacionada ao bem-estar e à satisfação nos relacionamentos, desempenhando um papel importante para ambos os sexos (Kontula; Miettinen, 2016 apud Pereira; Souza, 2019). Embora a expectativa social sugira que o orgasmo seja parte essencial da experiência sexual, estudos apontam que entre 10% e 26% das mulheres podem nunca o vivenciar ao longo da vida (Sacomori et al., 2012 apud Pereira; Souza, 2019).

Ademais, embora a masturbação seja praticada por ambos os sexos, ela tende a ser mais normalizada e frequente para os homens. Isso ocorre devido a ideias culturais, tradições e estigmas religiosos que veem este ato como algo negativo, gerando sentimentos para mulher como culpa e vergonha. A masturbação, por sua vez, é uma prática ligada ao autoconhecimento, contribuindo para o desenvolvimento da sexualidade, a promoção da saúde sexual e o bem-estar feminino. Ao permitir-se experimentar o orgasmo, a mulher desenvolve habilidades que também podem enriquecer a vivência sexual a dois, favorecendo uma maior satisfação com o próprio prazer (Carvalho; Leal, 2013 apud Pereira; Souza, 2019).

Vale ressaltar que o prazer feminino não está ligado somente ao ato de gozar e ao orgasmo feminino em si, pois envolve outras dimensões e fontes de prazer. Como exemplo, o amor é um dos fatores que está associado ao prazer feminino. Conforme a obra freudiana “Sobre o narcisismo: uma introdução”, o amor está relacionado à escolha do objeto, isto é, o amor pode ser de caráter anaclítico ou narcisista. Quando voltado para este último, a mulher se ama e busca

a si no objeto amoroso, ou seja, é um prazer voltado ao amor próprio da mulher, comparável ao amor que o homem sente por ela (Freud, [1914]/1976 apud Costa; Ferraz; Ribeiro, 2013).

Já quando a escolha de objeto é anaclítica, há uma referência maior com os cuidados maternos e paternos, pois ela se origina de um narcisismo primário, no qual ocorre uma supervalorização sexual do objeto. É comum uma desvalorização do eu em comparado ao objeto amoroso em questão, logo, a mulher tende a ter prazer ao servir ao objeto de amor. Segundo Freud ([1914]/1976 apud Costa; Ferraz; Ribeiro, 2013), o masculino se caracteriza por um maior investimento no objeto e a mulher investe mais no eu, mas quando se apaixona, uma parte narcísica de ambos é renunciada.

Conforme Pereira e Souza (2019, p. 30), a “totalidade da vivência do prazer na mulher, é algo plural, multideterminado e complexo”. Isso indica que o conceito de prazer feminino remete a uma diversidade de formas e significados, que variam com base na influência social e na forma que ele é experienciado. Diante disso, compreende-se que o prazer feminino não se resume somente no ato sexual, mas abrange também o amor, o desejo, aspectos psicológicos, sendo um conceito que sofreu mudanças de sentido ao longo do tempo e conforme a cultura.

Uma condição de prazer receptivo trata-se de uma experiência que remonta às primeiras vivências subjetivas do bebê, nas quais o prazer é experimentado de maneira calma e integrada ao universo afetivo estabelecido com as figuras cuidadoras. Esse tipo de prazer, enraizado nas relações iniciais, tende a se perpetuar ao longo da vida como parte estruturante da subjetividade, sendo considerado um aspecto fundamental da constituição do feminino e de um prazer caracterizado por sua natureza passiva e acolhedora (Victor, 2020).

A sensualidade é entendida como uma manifestação subjetiva de prazer receptivo, expressa como um movimento afetivo que gera bem-estar em si e no outro. Ela evoca sensações de vínculos primários e fortalece o sentimento de pertencimento e segurança emocional. Para as mulheres, essa experiência, em particular, pode reafirmar sua integração no mundo intersubjetivo, auxiliando na construção de uma identidade relacional e afetiva duradoura com o outro (Victor, 2020).

3.2 Análise da influência social sobre a vivência do prazer em diferentes ciclos de vida

De acordo com Sousa (2019 apud Rocha et al., 2023), há uma dicotomia na forma como a sociedade enxerga a mulher. Ela é, ao mesmo tempo, vista como casta e frígida, ou ainda como vulgar ou ninfomaníaca. Essas representações sobre o público feminino variam conforme as amarras psicológicas e morais reproduzidas socialmente. Diante desses processos, a mulher

apresenta dificuldades em vivenciar sua sexualidade e experienciar a satisfação sexual. Vale ressaltar que esta vivência do prazer também varia conforme a idade que a mulher se encontra.

Segundo Victor (2020), o conceito de sexualidade feminina envolve uma complexidade que abrange experiências afetivas, emocionais, sensoriais, corporais e psicosssexuais, as quais variam conforme as mudanças no corpo da mulher e o seu desenvolvimento. A mulher é atravessada por diversos eventos ao longo da vida, relacionados à sua faixa etária, como a menarca, o crescimento das mamas, o rompimento do hímen, a gestação, o parto seja normal ou cesáreo, a amamentação e a menopausa. Essas transformações fisiológicas e biológicas se articulam com aspectos intrapessoais, o que influencia diretamente na forma como o prazer feminino se manifesta nas diferentes fases da vida.

Um estudo envolvendo 310 mulheres acima de 18 anos, incluindo jovens, adultas e idosas, apresenta dados sobre como esse público lida com o prazer nos dias atuais. Com base nos resultados, 40,6% das participantes relatam que o ato da masturbação e do sexo tende a ser suficientes para alcançar a satisfação sexual feminina. Esse dado mostra que muitas mulheres conseguem se satisfazer por meio desses fatores, porém, mais da metade delas necessita de outros meios para atingir o prazer (Rocha et al., 2023).

Ao questioná-las sobre o grau de conforto com o corpo durante a relação sexual, 33,9% afirmaram sentir-se confortáveis ao realizar o ato. Dessa forma, nota-se que noções de autoimagem e da autoestima são importantes para o protagonismo sexual da mulher, considerando que mais da metade delas na pesquisa apresenta algum desconforto com o corpo durante a prática sexual (Rocha et al., 2023).

Em relação às preliminares, ao orgasmo, à satisfação e ao autoconhecimento corporal, 250 das mulheres relatam que as preliminares as estimulam a continuar na relação sexual, enquanto somente 102 delas conseguem chegar ao orgasmo ao se masturbarem. Esses dados retratam como o toque e o estímulo do outro é importante para a mulher, fatores que auxiliam na excitação do momento. Além disso, o toque e o conhecimento sobre o próprio corpo ajudam com que se alcance o ápice do prazer de forma mais fácil (Rocha et al., 2023). Para Pereira e Souza (2019 apud Rocha et al., 2023), o orgasmo nem sempre está vinculado exclusivamente à prática sexual, pois pode envolver diversas formas de satisfação relacionadas a outros âmbitos da vida.

É possível também avaliar como as diferentes gerações lidam com a vivência do prazer. Ademais, é importante compreender como fatores relacionados à autoestima, desempenho sexual, faixa etária, autoconhecimento corporal, masturbação, entre outros, podem influenciar a forma como a mulher vivencia sua sexualidade. É importante ressaltar que somente 1,6% das

mulheres com idade superior a 45 anos aceitaram participar da pesquisa, o que indica que muitas ainda não conseguem falar sobre ou não possuem acesso à temática (Rocha et al., 2023).

Falar sobre o prazer feminino inclui diversas experiências que foram modificadas ao longo da vida, desde menina até se tornar adulta, resultando em percepções e construções da sexualidade feminina que foram moldadas com o tempo. Assim, essas experiências pessoais adquiridas com o passar dos anos fazem com que a mulher apresente uma função perceptiva apurada em relação à atração sexual sobre si, o que facilita o conhecimento e vivência do prazer feminino para cada mulher de maneira subjetiva (Victor, 2020).

3.3 A identidade feminina em constante disputa entre o desejo e o dever

Ao longo da história, a sexualidade esteve submetida a julgamentos morais, funcionando como critério de controle dos comportamentos corporais. Esse controle é exercido por dispositivos de poder que distinguem sujeitos ‘normais’ e desejáveis daqueles vistos como desviantes, por não seguirem padrões impostos por instituições como o Estado, a religião ou a sociedade. Assim, discutir poder, sexualidade e gênero é reconhecer que o poder se manifesta em discursos que orientam práticas normativas voltadas à exclusão do que foge aos modelos impostos (Ribeiro et al., 2021).

O corpo torna-se o ponto de ancoragem dessas disputas simbólicas e sociais, pois é através dele que se exprimem os lugares sociais ocupados e as expectativas culturais impostas. O corpo, portanto, assume dupla função: por um lado, ele é objeto de normatização e expectativa, sendo pressionado a corresponder a padrões sexuais e comportamentais previamente definidos; por outro, é também espaço de resistência e retração, na medida em que se oculta ou se silencia frente à não conformidade com tais normas sociais (França, 2020).

Inicialmente, a estrutura heteronormativa foi criada como estratégia para garantir a continuidade da espécie, com políticas de crescimento populacional e redução da mortalidade. Com o tempo, essa lógica foi absorvida por instituições religiosas, como a Igreja Católica e, mais recentemente, Igrejas Evangélicas, que a reformularam com base em uma perspectiva moral ligada ao pecado. Assim, a sexualidade passou a ser vista como um dom sagrado, e a mulher foi convocada à castidade, sendo responsável por manter-se pura até o casamento e praticar o sexo apenas com fins reprodutivos (Foucault, 1976; 2001 apud Ribeiro et al., 2021).

A partir da década de 1960, ocorreram transformações significativas nas concepções sociais sobre a sexualidade, especialmente com o advento dos métodos anticoncepcionais. Esses avanços possibilitaram uma separação mais clara entre o exercício da sexualidade e a

finalidade reprodutiva, permitindo que a maternidade se tornasse uma escolha planejada e não mais uma consequência automática da atividade sexual. Nesse contexto, o sexo passou a ser cada vez mais associado ao prazer, expressão pessoal e aos orgasmos, em vez de restrito à função de procriação (Rocha-Coutinho, 2012 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018).

Cadoná e Strey (2012 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018) discutem a persistência do mito de que mulheres têm menor necessidade sexual que homens, o que legitima a negligência cultural ao prazer feminino e reforça o controle da sexualidade por figuras masculinas. Tal concepção promove um comportamento conformista nas mulheres quanto à busca pelo prazer. Segundo o autor do artigo, os discursos sobre a sexualidade impõem padrões normativos ligados ao papel materno. Furlani e Mansur (2003 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018) apontam que esses discursos refletem construções culturais que legitimam algumas práticas e condenam outras, revelando seu caráter inventado e histórico.

Historicamente, no século XVIII, acreditava-se que a excitação feminina era benéfica para a fecundidade, o que levou a uma breve valorização da sexualidade das mulheres. No entanto, com o avanço da medicina, passou-se a defender que o prazer e o orgasmo feminino estariam ligados a desequilíbrios, prostituição, doenças nervosas ou até mesmo à morte. Essa virada no discurso médico contribuiu para a disseminação da ideia de que a sexualidade feminina deveria ser silenciada e limitada exclusivamente à função reprodutiva (Foucault, 1988 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018).

Considerando o corpo como um campo de poder e elemento central nos processos de subjetivação, sua representação é constantemente atravessada por construções socioculturais. O prazer sexual da mulher foi frequentemente marginalizado e reprimido, enquanto se enaltecia sua capacidade de gerar filhos, vinculando sua identidade essencialmente ao papel materno. O corpo feminino é, assim, alvo de uma lógica biopolítica, submetido a mecanismos de controle e adestramento que atendem às exigências de uma sociedade moldada pelo consumo e pela normatização dos papéis de gênero (Foucault, 1988 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018).

Dentro desse cenário, é possível observar que, mesmo quando a mulher escolhe não assumir a maternidade biológica, a sociedade tende a exigir que ela se responsabilize por funções cuidadoras, direcionando-lhe outras formas de maternagem simbólica. Isso revela uma expectativa social persistente de que o cuidado continue sendo um atributo inerente ao feminino, reforçando a ideia de que essa é uma característica essencial da identidade da mulher (Leis et al., 2013 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018).

As funções sociais atribuídas aos sujeitos ao longo da história têm sido construídas com base em concepções essencializadas das diferenças sexuais. De acordo com Birman (2016 apud

Teodoro; Chaves, 2021), essas distinções sustentaram uma divisão simbólica entre os espaços público e privado, na qual aos homens coube a produção no âmbito externo, enquanto às mulheres foi designada a esfera reprodutiva, vinculada ao ambiente doméstico e familiar.

Nesse contexto, o trabalho reprodutivo entendido como o conjunto de atividades relacionadas ao cuidado, à manutenção da vida cotidiana, ao suporte emocional, às tarefas domésticas, à maternidade e à criação de filhos foi naturalizado como responsabilidade feminina. Por não estar diretamente vinculado à lógica do capital e não gerar lucro, esse tipo de trabalho é historicamente desvalorizado e, muitas vezes, nem mesmo reconhecido como trabalho. Ao contrário, é tratado como uma ‘função social da mulher’, perpetuando-se como uma obrigação invisibilizada (Medeiros, 2023).

Na perspectiva foucaultiana, o corpo é o ponto de controle social onde saberes e normas são impostos. No início do século XX, discursos definiram a identidade, valores e subjetividades femininas por meio de práticas sociais que censuravam a sexualidade (Anjos; Lima, 2016 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018). Como objeto de poder no processo de subjetivação, o corpo feminino torna-se palco dessas representações, sendo alvo de mecanismos de disciplina e adestramento impostos pela lógica biopolítica da sociedade de consumo (Foucault, 1988 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018).

Os corpos femininos e os masculinos sempre estiveram implicados nas transformações e nas narrativas da humanidade. No entanto, é proposta uma leitura que ultrapassa a visão do corpo não como estático, um:

corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente (Perrot, 2007, p. 41 apud França, 2020, p. 183).

A compreensão do corpo feminino é algo construído com base no período histórico e cultural. Cada sociedade tem uma percepção diferente acerca dessa temática, influenciada pelo estilo de vida que seus grupos possuem. Atualmente, embora a mulher seja moldada pelo tempo em que vive e pela cultura, ela apresenta maior controle de sua vida, vivenciando o prazer e a experiência com o corpo de forma mais livre. Todavia, ainda há mulheres que permanecem submetidas a imposições patriarcais (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005).

Nesse sentido, a sociedade cobra que as mulheres que optam por não ter filhos ainda se responsabilizem como cuidadoras de outros sujeitos, sendo uma forma de maternidade simbólica atribuída às mulheres para que o cuidado perante o outro continue sendo o seu ‘dom’

(Leis et al., 2013 apud Farinha; Scorsolini-Comin, 2018). No entanto, ao optar pela não maternidade, evidencia-se uma apropriação do corpo e a negação da ideia de que a única condição de ser mulher reside no ato de cuidar.

O novo cenário laboral, no entanto, inaugura um movimento de redefinição identitária, no qual a mulher busca ser reconhecida a partir de sua atuação profissional, e não mais apenas pelos papéis tradicionalmente atribuídos ao seu sexo biológico (Lipovetsky, 2000). A conquista de espaço público pelas mulheres reflete, portanto, o desejo de autonomia e de reconfiguração de sentidos associados à feminilidade. Um exemplo disso é o surgimento da chamada ‘Geração NoMo’ [Not Mothers], composta por mulheres que reivindicam o direito de não exercer a maternidade e recusam a imposição de uma identidade centrada exclusivamente nesse papel (Lipovetsky, 2000 apud Teodoro; Chaves, 2021).

Lipovetsky, introduz a ideia da ‘terceira mulher’ ou ‘mulher indeterminada’, figura que rompe com as expectativas sociais rígidas fundadas em sua biologia e passa a definir sua trajetória com base em escolhas pessoais. Dessa forma, se torna uma nova forma de ressignificar a mulher fálica. A maternidade, o casamento e outros vínculos antes considerados naturais tornam-se, para essa nova mulher, possibilidades entre outras, e não mais destinos inevitáveis (Lipovetsky, 2000 apud Teodoro; Chaves, 2021).

Vivemos em um momento histórico marcado por tensões e transições, no qual se busca romper com os paradigmas da modernidade e com os modelos burgueses tradicionais. No entanto, observa-se, simultaneamente, um movimento que sinaliza um retorno a valores conservadores, demonstrando uma dinâmica oscilante, característica dos processos de mudança social ao longo da história (Teodoro; Chaves, 2021).

3.4 Relação das mídias sociais e a manifestação do desejo feminino

As mídias sociais são plataformas muito presentes na rotina da sociedade atual. Antigamente, a mulher era mais influenciada por fatores culturais, históricos, sociais e educacionais. Atualmente, além desses aspectos, ela também é atravessada pelos conteúdos expostos nas telas digitais, os quais envolvem imagens, comparações e publicações que tentam retratar algo idealizado que não condiz com a realidade. Dessa forma, constrói-se uma ideia de que a beleza está associada à felicidade, entretanto, há uma contradição na incessante procura da falsa beleza ideal vendida nas mídias sociais e o sofrimento causado por essa imposição (Sousa; Sirelli, 2018).

A cobrança pelo corpo perfeito se inicia desde a infância, mas é na adolescência que se estabelece um padrão de beleza. Esse impõe que a mulher ideal seja “branca, magra, cabelos lisos, roupas do mesmo estilo e assim por diante, fazendo com que as meninas se sintam desconfortáveis diante de sua própria imagem e busquem meios para se ‘ajustar’ ao que lhe é imposto” (Sousa; Sirelli, 2018, p. 329). Isso evidencia que a autoestima da mulher é fortemente influenciada pelas mídias, o que influencia a experiência de como ela vivencia o prazer.

A imagem da beleza está intimamente relacionada à imagem da mulher, sobrepondo-se até mesmo à ideia de saúde. As mídias expõem conteúdos sobre corpos femininos sexualizados, medicalizados, trabalhados para satisfazer o desejo do outro. Essa falsa perfeição tenta sustentar uma imagem daquilo que não é diretamente ligada à questão do capitalismo e de como vender a imagem da ‘mulher perfeita’ (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005).

O corpo feminino também passou a ser condicionado pelos interesses da sociedade capitalista que visa o lucro. Um exemplo é a criação de plataformas como o OnlyFans, onde se vendem imagens e vídeos do corpo. O desenvolvimento tecnológico e científico, junto da nação, fez com que os meios de comunicação fossem aprimorados. Este fato possibilitou uma espécie de fabricação de desejos e necessidades, ao mesmo tempo que dificultou a utilização da consciência crítica, dada a imposição da mídia com caráter dominante. Assim, é comum aceitar as exigências da publicidade, as regras da mídia social e a reprodução de um padrão que estas impõem (Boris; Cesídio, 2007).

Surgiram novas normas, crenças, referências, a medicina criou o anticoncepcional, além dos ideais culturais diversos que forma sendo disseminados ao longo do tempo. Principalmente as mídias e sites pornográficos, por exemplo, costumam reproduzir uma tradição falocêntrica, na qual o homem detém mais poder e a mulher assume um papel mais submisso. Essa reprodução digital reforça valores femininos ligados à docilidade, fragilidade e sensibilidade que o social impõe sobre este público (Araújo, 2005).

Para Kaplan (1977 apud Araújo, 2005, p.70), “a mídia bombardeia a todo o momento um ideal de mulher de corpo perfeito, super sensual, levando à fantasia de que esta mulher seria o ideal a ser perseguido”. Todavia, essa pressão da mídia sobre o público feminino resulta em medo, insegurança com relação a si mesma e o parceiro, autocobrança quanto a performance sexual, ansiedade de desempenho, culpa pela possível não satisfação do outro, dentre outros efeitos. A ausência do orgasmo feminino, inclusive, pode estar relacionada a esses fatores, além de questões interpessoais e intrapessoais.

A cultura dos meios de comunicação em massa influencia a forma como o sujeito enxerga o eu, moldando seu senso crítico e sua forma de ser. Assim, ele passa a reproduzir:

ideias, estilo de vida, ações sociopolíticas, dentre outros. Nesse contexto, o meio capitalista interfere na natureza de compreensão do próprio desejo, o que está intrinsecamente ligado à reprodução de como as mulheres se enxergam e qual a ideia do que se trata o prazer feminino e a experiência deste na prática (Kellner, 2001 apud Boris; Cesídio, 2007).

Segundo Sousa e Sirelli (2018), a indústria da beleza tende a uma propagação da objetificação da mulher, visando o lucro com base na exposição do corpo feminino associado a marcas. A mídia relacionada à venda de produtos para o sexo masculino corrobora a ideia de submissão do público feminino e a atribuir papéis sociais para a mulher, junto de uma coisificação que é resultante da construção patriarcal da figura da mulher. Exemplo disso, é retratado por uma cervejaria que realizou um vínculo com duas imagens:

de um lado, uma mulher de salto alto, saia e camiseta bebendo água em um bebedouro comum. Ao lado, uma imagem da mesma mulher diante de um bebedouro bem mais baixo, onde ela tem que se curvar de forma que sua saia fique levantada. A imagem traz escrito que se o inventor do bebedouro consumisse a marca X de cerveja, ele não seria como o que temos hoje, alto e confortável, mas baixo, de forma que, ao se abaixar para acessá-lo, a mulher ficasse exposta aos olhares dos homens. A imagem, além de coisificar a mulher e a colocar em posição de subserviência ao homem, ainda direciona a campanha totalmente para o público masculino, como se os homens fossem os únicos consumidores de cerveja, reforçando também o preconceito contra mulher que gosta de beber (Sousa; Sirelli, 2018, p. 333).

Sendo assim, este é um exemplo de como a mulher é objetificada, estudos comprovam que os brasileiros passam mais de nove horas por dia na internet; isso corrobora diretamente com tamanha influência das mídias sobre cada um, especialmente, na forma como a ideia da sexualidade é disseminada sobre o prazer feminino (Sousa; Sirelli, 2018). Para Loureiro (2014 apud Rocha et al., 2023), a mulher está relacionada a representações sobre si e os modos de objetificação em torno do corpo e prazer. Estas relações abrangem comentários e até mesmo exposição do corpo feminino na pornografia ou mídia, logo, a exibição fragmentada deste corpo promove uma certa objetificação.

A mulher que é oprimida pela mídia, conseqüentemente consome maior número de produtos para que consiga alcançar o corpo e a beleza padrão imposta pela mídia opressora. Com isto, o público feminino tende a se adaptar mais facilmente ao mercado globalizado, pois as mulheres buscam se enquadrar nas modas, modelos, posturas, adquirindo até mesmo novos hábitos. Isso revela um modo de existência flexível, que também influencia em como a mulher adapta o prazer frente as objeções da mídia e às suas propagações (Boris; Cesídio, 2007).

Dessa forma, o prazer feminino é correlacionado à maneira de seduzir o olhar do outro. A cultura propaga modelos padronizados de beleza, e a singularidade da mulher é perdida nesse

processo. Ela precisa da confirmação da atração do outro, principalmente do homem, para assim validar a sua subjetividade feminina e cada característica peculiar acerca dela, isto porque, a mulher busca esta satisfação do desejo do homem (Romero, 1995 apud Boris; Cesídio, 2007).

A beleza e atração são atributos do objeto sexual, tendo em vista que no conflito edípico, o sujeito está relacionado com o falo; no qual este imaginar ter um, ou supor ser um, essa seria uma saída da mulher para lidar com o desejo feminino, ao pensar que ela vira um desejo de um bebê ou do marido. Entretanto, quando se caracteriza a mulher como feia, a discriminação decorre da castração, o que tem como consequência a queda do desejo. Sendo assim, a subjetividade feminina, junto da beleza, está relacionada ao desejo, processo resultante também da cultura e de uma estética sócio-histórica (Freud [1930]/1995 apud Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005).

De acordo com Vilhena, Medeiros e Moraes (2005), o ser é definido pelo ter. Para trabalhar a conquista, a mídia contemporânea transmite ideias de que é necessário ter um corpo curvilíneo, status, dinheiro, bens materiais, dentre outros fatores. Sendo assim, são utilizadas estratégias ligadas à competitividade para analisar quem primeiro alcança o objetivo imposto, o que molda um ideal subjetivo comum. Logo cria-se um padrão corporal que dita uma ‘tribo’ que defende que aquela forma de corpo é a ideal, ou neste caso, a forma dita de como experienciar o prazer feminino.

Dessa forma, a mídia social, o corpo feminino e os impactos sobre a vivência do prazer feminino são notórios nos dias atuais. Para Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, p. 125-126), “o corpo ideal não diz respeito somente ao controle do peso e das medidas, revela também funções psicológicas e morais. A feiúra caracteriza, [...] uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da autoestima. Vale lembrar que a dimensão ética também é rompida”. Essa afirmação revela a grande influência da mídia sobre como a mulher se relaciona com o próprio corpo, o que pode abalar sua saúde mental e atrapalhar o processo de autodescobrimento associado ao prazer.

Com base nisso, o prazer feminino é resultado de transformações históricas, sociais e culturais. A mulher contemporânea sente prazer ao comprar novos produtos, roupas, acessórios, além de moldar seu corpo com exercícios e cirurgias plásticas que se associam também com o modelo de consumo capitalista vigente. Essa construção do prazer feminino mantém uma ideia de que a mulher é um ser frágil, mas que também é capaz de crescer em diversos âmbitos, tendo novas experiências em relação à sociedade (Boris; Cesídio, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as reflexões construídas ao longo deste trabalho, evidencia-se a relevância do estudo sobre as influências sociais que incidem sobre o prazer feminino. A temática se mostra pertinente na contemporaneidade, à medida que aspectos culturais, históricos, midiáticos e normas sociais moldam e restringem a sexualidade das mulheres. A articulação teórica proposta, fundamentada na Psicologia com base nas abordagens sócio-histórica e psicanalítica, possibilitou uma leitura crítica sobre os impactos dessas influências na subjetividade feminina. Observa-se como o imaginário social ainda vincula a mulher à maternidade e a papéis idealizados, distantes de uma relação autônoma com o prazer. A pesquisa analisou os atravessamentos do público feminino e as formas de prazer, como o sexual, amoroso e do cuidar, ampliando a visão com uma discussão horizontal e histórica.

Vale ressaltar que falar sobre expressão do desejo feminino ainda é tratado como tabu e evitado na educação escolar. Há poucas pesquisas sobre o prazer em idosas, o que dificulta compreender como mulheres mais velhas vivenciam o prazer e o quanto foram limitadas socialmente. Outro desafio foi encontrar conteúdos psicanalíticos que abordem o prazer feminino a partir da mulher como sujeito ativo, já que muitas pesquisas o apresentam sob a perspectiva masculina, tratando a mulher como objeto de desejo, e não como alguém com vivência autônoma do próprio corpo.

Pouco se fala sobre o autoconhecimento feminino, masturbação e o prazer que emerge da conexão da mulher consigo mesma. Essa ausência revela uma limitação epistemológica e reforça a invisibilidade histórica do corpo feminino como território de prazer. Quando aparece nas produções acadêmicas, a experiência sexual feminina geralmente está atrelada a normas, como o casamento heterossexual. É necessário realizar mais pesquisas que explorem o prazer feminino como é vivenciado hoje, com percepções de diversas gerações e culturas, compreendendo novas formas de desvincular a imagem da mulher de ideais impostos, e explorando como corpo, imagem e prazer se conectam.

Na prática clínica, o atendimento psicológico à mulher deve ser pautado por escuta sensível e sem julgamentos, considerando as múltiplas camadas de sua vivência subjetiva, especialmente sobre sua sexualidade. Isso inclui investigar ansiedades, inseguranças, crenças sobre si mesma, oferecendo um espaço para que ela fale sobre o que gosta, o que não gosta, e o impacto das relações afetivas. O foco é compreender quem é essa mulher e, assim, possibilitar que se escute e entenda a origem de suas dores e silenciamentos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. Por que elas fingem o prazer? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 77-82, maio 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v16i1.482>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 2016.
- BERGER, S. Maria; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Caderno Saúde Pública*, v.21, n. 2, p. 417-425, abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/pHhwdM5wyyL6nfJXVsLsDdy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- BOCK, Ana; GONÇALVES, Maria da Graça; FURTADO, Odair (org.). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BORIS, G.; CESÍDIO, M. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1594>. Acesso em: 6 abr. 2025.
- COSTA, A. M.; FERRAZ, M. A.; RIBEIRO, V. O amor, o feminino e a escrita. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 29-38, abr. 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a03.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- FARINHA, A. J.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre não maternidade e sexualidade feminina: Revisão Integrativa da Literatura Científica. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v. 10, n. 1, p. 187-205, ago. 2018. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2316>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- FRANÇA, M. O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva. *Revista Caletrosκόpio*, Ouro Preto, v.8, n.2, p. 181-197, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.58967/caletroscoPIO.v8.n2.2020.3792>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- FREUD, S. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em [1907]/1908).
- FREUD, S. *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em [1932]/1933).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. (Trabalho original publicado em 1905).
- GONÇALVES, A. A industrialização do prazer feminino. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 2, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v16i2.469>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- IRIGARAY, L. *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. São Paulo: Senac, 2017. (Trabalho original publicado em 1977).

LANE, S. *Psicologia social: o homem em movimento*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trabalho original publicado em 1981).

MEDEIROS, P. Expropriação em tempos de capitalismo: o trabalho reprodutivo e o impacto na vida das mulheres. *Revista Libertas, Juiz de Fora*, v. 23 n. 1, p. 205-227, jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1980-8518.2023.v23.40576>. Acesso em: 23 abr. 2025.

PEREIRA, A.; SOUZA, W. F. Prazer sexual feminino: a experiência do orgasmo na literatura. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 31-37, dez. 2019. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/84. Acesso em: 24 mar. 2025.

RIBEIRO, C. et al. Corpo, gênero e cidade: deslocamentos micropolíticos. *Sociedade em Debate*, Pelotas, v. 27, n. 2, p. 63-77, ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/2810>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ROCHA, R. M. et al. Prazer feminino e satisfação sexual: um estudo com base no quociente sexual feminino. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 10- 67, set. 2023. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1067. Acesso em: 20 abr. 2025.

SILVA, G. et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Revista SBPH*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2025.

SOUSA; M.; SIRELLI, P. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n.132, p 326-345, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/gXHm78WFWRyz3mkK6qtYMPv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2025.

SOUZA, M.; SILVA, M.; CARVALHO, R. *Revisão Integrativa: O que é e como fazer*. Einstein, São Paulo, v.8, p. 102 - 106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024.

TEODORO, E.; CHAVES, W. "Inimiga" da moral sexual civilizada e dos bons costumes: reflexões sobre um estranho retrato de mulher. *Revista Reverso*, Belo Horizonte, v. 43, n. 82, p. 27-34, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952021000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2025.

TEODORO, E.; CHAVES, W.; SILVA, M. Freud e a questão do feminino: pressupostos míticos da prática clínica. *Revista Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 72-80, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142020003010>. Acesso em: 15 abr. 2025.

VICTER, R. Feminino pela experiência do enigma da vagina. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 177-192, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000400014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2025.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, jun. 2005. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1519>. Acesso em: 6 abr. 2025.